

A história do príncipe negro

Diones Franchi¹

RESUMO: O presente artigo tem como finalidade narrar à história de José Custódio Joaquim de Almeida, o Príncipe Negro de Ajudá, famoso por introduzir o batuque. Busca-se compreender a sua história para a importância da cultura afro-brasileira no Rio Grande do Sul e como podemos aplicá-la em sala de aula. Trataremos aqui de suas opiniões acerca de sua vida através do ensino de história e a importância do príncipe negro na cultura de seu povo.

Palavras-chave: Príncipe, Negro, Narrativa.

¹ Jornalista, Mestrando em história pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Especialista em Educação – UERGS, Especialista em Comunicação – FATEC – SENAC. Especialista em História do Rio Grande do Sul - FURG

Introdução

A cultura afro-brasileira é de vital importância para a diversificação do aprendizado histórico em sala de aula. Lembramos da cultura africana no Brasil no ensino da história, sempre como forma de escravidão. Diferente da história do príncipe Custódio, um africano que veio para o Brasil, como um homem livre, sem citarmos por nenhum momento a escravidão. Sua história passa por mitos, magias e encantos que podem chegar ao imaginário popular.

A história do príncipe é importante na aplicabilidade da Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio. Pois é uma história que não envolve o universo da escravidão, mas sim de um príncipe, que veio de Benim com sua comitiva diretamente para o Brasil.

Nessa narrativa o negro africano não aparece na condição de escravo submisso e passivo, mas com uma dimensão de astuto e superior.

Com a história do Príncipe são aplicadas pelo professor as novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana. Pode se ressaltar em sala de aula a cultura afro-brasileira através dos costumes que o príncipe negro trouxe para o Brasil, como o batuque e danças africanas. É possível trabalhar com as ferramentas didáticas, como vídeos que existem sobre o príncipe Custódio além de livro e fotografias.

É necessário que o professor busque um aperfeiçoamento e diálogo sobre a história do príncipe, através de um espaço onde exista conteúdo do material didático, discurso do professor e sua forma coesa.

Desde o início da vigência da Lei nº 10.639, em 2003, a temática afro-brasileira começou a ser tratada de maneira diferente. Mas apesar disso, muitos alunos ainda não conhecem a contribuição histórico-social dos africanos no país. A história do Príncipe Negro é uma oportunidade para discernir a cultura afro-brasileira em sala de aula, de maneira espontânea, descontraída e inovadora.

O Príncipe Negro

José Custódio Joaquim de Almeida, o Príncipe de Ajudá como ficou conhecido, era um líder africano, oriundo de uma região do antigo Daomé, conhecida como reino de Benin. Segundo alguns biógrafos, nasceu em 1831, apesar de existir divergência sobre a data, foi um dirigente tribal africano, exilado no Brasil, que morou em Bagé, até fixar residência em Porto Alegre, onde se tornou famoso como curandeiro e líder religioso.

Ninguém sabe como e nem em que circunstâncias, ao final do século XIX este príncipe governante deixou São João Batista de Ajudá, (hoje República de Benim), que foi no passado um dos principais entrepostos de escravos para o Brasil. Mas o certo é que ele partiu perante a promessa solene dos Ingleses de que o seu povo não sofreria o que haviam sofrido os grupos vizinhos ante a violência dos Alemães e Franceses.

Os portugueses, antes senhores da região, tinham se contentado com uma parte da Guiné e com as Ilhas de São Tomé e Príncipe cedendo as suas fortalezas.

Por qual motivo o Príncipe escolheu o Brasil, é desconhecido. Talvez por aqui existir grande número de descendentes dos escravos nativos da Costa da Mina - os chamados "pretos-mina" - ou outra qualquer razão. A sua chegada ao país foi assinalada como tendo acontecido em 1864, dois anos depois de ter deixado Ajudá. Custódio estava inserido num cenário africano de colonização europeia, baseada na exportação de mão-de-obra escrava negra para além do continente.

Conforme Pereira 2010, no século XIX e início do século XX, a África era alvo da chamada "corrida colonialista" que levaria à demarcação arbitrária dos contornos geopolíticos do continente africano, seja pelo envolvimento em conflitos entre tribos ou como resultado de confrontação com uma das potências colonizadoras, mais exatamente o Império Britânico, que na ocasião entrava em disputa pela região do Reino do Benin.

Abandonando seu possível lugar de nascimento, o "Príncipe Negro" teria excursionado pela Europa e posteriormente desembarcado no Brasil. Em território brasileiro supostamente passou pela Bahia, pelo Rio de Janeiro e chegou ao Rio Grande do Sul, onde estabeleceu residência.

Inicialmente, fixou-se em Rio Grande e mais tarde, foi para Bagé, onde ficou conhecido por manter viva a tradição religiosa do seu povo, com a prática do que agora se conhece como "Batuque". Além de mostrar conhecimentos das propriedades curativas da flora

medicinal brasileira, atendendo a muita gente doente que o procurava, tratando de melhorar os males por meio de ervas e rezas dos ritos africanos.

De Bagé mudou-se para Porto Alegre, onde chegou em 1900, com 70 anos de idade. Seu nome africano era Osuanlele Okizi Erupe, mas no Brasil adotou o nome de Custódio Joaquim de Almeida.

Em Porto Alegre, passou a morar na Cidade Baixa, na rua Lopo Gonçalves. Este local era, tradicionalmente, conhecido por ser um espaço de resistência da “cultura negra” na capital gaúcha. Em Porto Alegre a família do príncipe de Ajudá aos poucos foi crescendo e não demorou a atingir o número de 26 pessoas, sem contar os empregados em boa quantidade.



Imagem 1: O Príncipe Negro

Príncipe Custódio tinha oito filhos, três homens e cinco mulheres. Na sua residência em Porto Alegre havia diversas festividades e era certo o comparecimento de senhoras e cavalheiros da melhor sociedade porto-alegrense, além de capitães da indústria e comércio que dele precisavam no apoio para o perigo de greves e outras imposições.

Segundo Jung, 2007, o Príncipe Custódio, realizava no local, ritos em homenagem aos

orixás. Em Porto Alegre ele teria exercido poderes de babalorixá (sacerdote religioso no culto africano) e praticado seu conhecimento das propriedades curativas das ervas.

Nesta ocasião muitas pessoas, ligadas ao poder público participavam das festas religiosas ao som dos atabaques e cânticos em ioruba (rezas). Estes narravam os feitos e a vida dos orixás quando conviviam entre os homens. O príncipe Negro costumava realizar requintados banquetes, regados a vinho e licores importados, principalmente em seu aniversário.

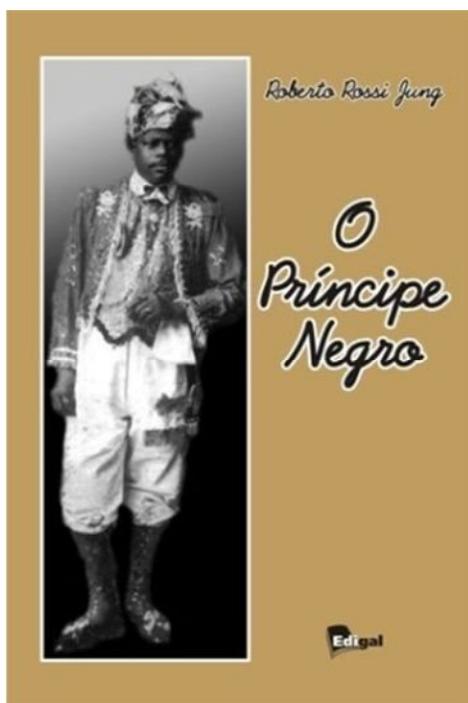


Imagem 2: O Livro Príncipe Negro é a única biografia de Custódio de Almeida até o momento

O príncipe de Ajudá se relacionava com figuras importantes da política gaúcha da época, como Júlio de Castilhos, Borges de Medeiros, Getúlio Vargas e outras personalidades. Seus poderes espirituais, como “babalorixá” (sacerdote africano), espalhavam-se por todo o Rio Grande do Sul e isso fazia com que muitos acreditassem que seus poderes espirituais, influenciassem em importantes questões políticas do estado.

Segundo Roberto Rossi Jung, 2007, no livro Príncipe Negro, Custódio se transferiu de Bagé para Porto Alegre, para prestar auxílio espiritual de cura a Júlio de Castilhos, Presidente do Rio Grande do Sul, que se encontrava vitimado por um câncer na laringe.

Para os rigores do inverno o Príncipe Custódio adotou o poncho gaúcho, embora não dispensasse o gorro que marcava a sua personalidade, não o deixando nem quando visitava o Palácio Piratini onde sempre era bem vindo e onde havia ordens superiores de bom atendimento.

Havia um fluxo intenso de pessoas que o procuravam em sua residência, buscando alívio para suas dores físicas ou morais.



Imagem 3: Empregados e familiares do Príncipe Negro em sua residência

Diferente de muitos companheiros que foram escravizados, o Príncipe vivia cercado de todo o conforto e requintes de nobreza, causando espanto e admiração da elite local.

Personagem considerado exótico na sua forma de vestir, o Príncipe Custódio criava cavalos árabes e falava o inglês e o francês.

Ao chegar em Porto Alegre, em 1901, encontrou seus irmãos de etnia, vivendo em condições de grande pobreza. Eles habitavam locais como a Colônia Africana, Areal da Baroneza e MontSerrat. Estes locais eram considerados símbolos de resistência da cultura afro, donde surgiram outros personagens em Porto Alegre como a Mãe Madalena de “Oxum” e do Pai Idalino de “Ogum”, que se destacaram no culto aos orixás, e até hoje são conhecidos na tradição religiosa africana, conhecida no estado do Rio Grande do Sul com a denominação de Batuque ou Nação dos

Orixás.

O Príncipe Custódio é um dos responsáveis pela disseminação do Batuque no Rio Grande do Sul. Segundo seu biógrafo Jung, 2007, existe a tradição dos sacerdotes “filhos de santo” de visitarem o Mercado Público em Porto Alegre até os dias de hoje, quando os fiéis cumprem seus preceitos religiosos, para saudar o orixá Bará (dono da chave que abre todos os caminhos). Ele fica no centro do Mercado, onde o Príncipe Negro teria feito um assentamento desse orixá, que seria um ritual religioso.

O príncipe faleceu em 28 de maio de 1935, aos 104 anos, existindo alguns registros em jornais da época destacando sua morte, como no Correio do Povo (1895), A Federação (1884 – 1937) e o Diário de Notícias (1925 – 1979). Mostrando que sua figura era muito importante para sociedade gaúcha.

Em Bagé, existe uma localidade denominada Passo do Príncipe, em sua homenagem, por que ele morava naquela região e costumava passear com seus cavalos.

Em Porto Alegre segundo a tradição, entre as ações do Príncipe Negro está os assentamentos de Bará pela capital. Bará “é um dos guias das religiões de matriz africana, é o orixá de abertura de caminhos e da fartura. Assentamento é o ritual de um local para o seu culto, com a fixação, subterrânea de um objeto de ferro, pedra ou madeira. O mais famoso assentamento do Bará, se localiza no Mercado Público de Porto Alegre, primeiro por ser um ponto de convergência, construído pelos negros e frequentado diariamente por milhares de pessoas de diversas origens. Segundo, por sua resistência, pois o edifício sobreviveu aos incêndios de 1912, 1976, 1979 e 2013 e a uma enchente em 1941. Seu santo é forte dizem os babalorixás e deve se muito ao assentamento do Príncipe Custódio, que passou a se chamar Bará do Mercado. Muitos vêm visitá-lo para receber a força mística do “axé” que está no seu centro.

Com o falecimento do Príncipe Negro, desapareceu uma das figuras mais impressionantes que viveram no Rio Grande do Sul, e seu passado ficou marcado por alguém que perdeu o seu império, mas nunca seus ideais.

Identidade afro-brasileira através do Príncipe Negro

A construção de uma identidade afro-brasileira, positiva, não deve ser apenas de contrapartida diretas, na ideia da “sobrevivência” de praticas culturais africanas.

A pesar do ensino de história, em sua maioria lembramos dos africanos na história do Brasil como escravos, mas nem todos negros foram escravos. Um dos exemplos é o Príncipe Negro que chega ao Brasil na condição de homem livre.

Aplicar sua história em sala de aula provem da elaboração do conteúdo proposto, conectando o ensino de história e a pesquisa.

Por não fazer parte do livro didático, a história do Príncipe Negro torna-se atrativa para discriminação da cultura afro-brasileira, não apenas contemplando a escravidão, mas os demais valores que é proposto.



Imagem 4: O batuque é uma das heranças do Príncipe Custódio

A estruturação da história da África no ensino de história reflete necessariamente muitas vezes nos livros didáticos. No caso da história do Príncipe Negro, já existe um material entre vídeos e livros que se encaixam perfeitamente na aplicabilidade da Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana em todas as escolas, públicas e particulares, do ensino fundamental até o ensino médio.

Surge a proposta de exibir a cultura afro-brasileira, que buscou suas origens no Rio Grande

do Sul.

De acordo com Oliveira, 2012, os negros normalmente são assuntos na sala de aula e nos livros didáticos, mas como peças figurativas. Seja como escravos, lanceiros entre outros. No caso do Príncipe Negro percebemos uma figura central, que modifica por muitas vezes a figura negativa do negro na história como apenas submisso.

A imagem do negro e sua formação iniciaram-se no contato dos europeus com o continente africano, resultando da superioridade de um povo contra outro. Após o período de exploração e reconhecimento de espaço, é que de fato começa a escravidão.

Na sala de aula, através do ensino de história, a imagem do negro, ainda encontra resistência em aspectos equivocados, e vem desde o período colonial.

Modificar esse conceitos requer uma reformulação sobre vários temas que falam da educação afro-brasileira.

Na Lei de Diretrizes de Base da Educação Brasileira, LDB 9394 de 1996 no artigo 26 inciso 4, estabelecem que “o ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia”.

Mas é a partir da Lei 11.645/08, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas brasileiras, é que a disseminação da identidade afro-brasileira começa a ser repensada.



Imagem 5: Mosaico Bará do Mercado de Porto Alegre, local onde O Príncipe Negro assentou o orixá

Com a história do príncipe negro, percebemos que é viável a aplicabilidade de suas origens em sala de aula.

De acordo com Teruya e Aparecido, 2014, tratar a temática do negro no currículo escolar, não depende do professor ser negro ou não, de saber ou não. A lei determina o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana para todo o magistério e tem a função estratégica para a formação do cidadão brasileiro.

É necessário atender a esta lei com a necessidade de abranger conhecimentos e os saberes relativos a esta temática. Buscar informações contundentes sobre o personagem enriquece a aula no âmbito cultural.

Segundo os autores é fundamental desvelar essa realidade e favorecer uma visão dinâmica, contextualizada e plural das identidades culturais, articulando as dimensões pessoais e coletivas nesses processos.

Fato que podemos perceber no assentamento do Bará pelo Príncipe Custódio, onde as religiões afro-brasileiras se identificam com o ritual.

A identidade afro-brasileira do personagem se resume na mística que se constrói em torno do Príncipe Negro e resgata a cultura negra, como padrão para sua divulgação em todo o território brasileiro, começando pela sala de aula e a comunidade sul rio-grandense.

A proposta consiste em uma nova temática que faça da identidade do Príncipe Negro, uma aproximação com um novo conteúdo didático histórico do Rio Grande do Sul.

Considerações Finais

Constatamos que a história do Príncipe Negro é de vital importância para a cultura afro-brasileira do Rio Grande do Sul.

Dessa forma entendemos que a disciplina de história, necessita de aprimoramentos constantes para disseminar a cultura negra, através da Lei 11.645/08.

De qualquer forma notamos que a história afro-brasileira, desenvolve uma nova perspectiva no ensino de história. Através da história do Príncipe Negro, podemos buscar novas formas de ensinarmos sobre a origem afro-brasileira.

Como material suplementar, existem dois vídeos sobre o Príncipe Negro, disponíveis para consulta na internet. Um vídeo foi realizado pelo programa Memórias do Pampa na TV Câmara Bagé em 2013, que narra à importância do Príncipe Negro em Bagé e o outro de maneira mais abrangente conta a história do príncipe pelo estado, no programa Histórias Extraordinárias da RBS TV em 2004.

O material produzido para a TV é de rico conhecimento, pois a imagem faz com que toda história seja mais atrativa, despertando o interesse naqueles que acham que não se identificam com a história.

Em toda a história, buscamos artifícios que tornem os personagens mais interessantes, fazendo com que o professor seja o mediador e responsável pelo aproveitamento positivo dos alunos em sala de aula.

Entendemos que é necessário, buscarmos o conhecimento além dos livros didáticos e observar que a história do Príncipe Negro é considerada cultura afro-brasileira, com destaque para a popularização do batuque no Rio Grande do Sul e de extrema importância para as etnias afrodescendentes.

Somos produtores de novos conhecimentos, novas ideias, que não fazem parte dos currículos escolares, mas fazem parte de nossa gente e de nossa história.

Portanto contar a história do Príncipe Negro é muito importante, para desvendarmos a cultura afro-brasileira, despertando nos alunos uma nova visão a respeito das origens dos negros.

Fonte das Imagens

1 – Livro O Príncipe Negro, 2007

2 – Livro O Principe Negro, 2007

3 – Site <http://mantodeoxala.blogspot.com.br/2012/01/o-principe-custodio.html>, 2014

4 – Site <http://www.brasilecola.com/religiao/batuque-gaucho.htm>, 2014

5 – Site <http://mosaico.arq.br>, 2015

Referências

ABREU, Martha e SOIHET, Rachel (org.). **Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia**. Rio de Janeiro: FAPERJ/Casa da Palavra, 2003.

APARECIDO FELIPE, Delton; KAZUKO TERUYA, Tereza. Cultura afro-brasileira e africana nos currículos da educação básica. **Revista Educação e Linguagens**. Campo Mourão, v. 3, n. 4, jan./jun. 2014

BALEJOS, Leandro Pereira. **Custódio Joaquim de Almeida (1831? - 1935): um Príncipe Africano em Porto Alegre que rezava, curava e treinava cavalos**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

JUNG, Roberto Rossi. **O Príncipe Negro**. Porto Alegre: Edigal / Renascença, 2007.

LEITE, Carlos Roberto S. da. Um “Príncipe Negro” viveu em Porto Alegre. **Café História: história feita com cliques**. 21 maio 2011. Disponível em: <<http://cafehistoria.ning.com/profiles/blogs/um-principe-negro-viveu-em>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

RBS TV. **O Príncipe Negro Joaquim Custódio de Almeida**. Vídeo online (15:09 min), son. color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dler08E_bTE>. Acesso em: 05 jan. 2015.

OLIVEIRA, Maria do Socorro Ramos de. Ensino de história e identidade negra: importância dos livros didáticos e dos professores na educação do negro. **Historiae**, Rio Grande, RS: FURG, v. 3, n. 1, 2012.